

O que é a Psicologia Concreta? Reflexões politzerianas em torno do problema da crise da psicologia

Bruno Peixoto Carvalho

RESUMO

Este artigo dedica-se a – a partir da análise da *Crítica dos fundamentos da Psicologia*, de Georges Politzer – caracterizar a psicologia concreta. O texto em tela resulta de pesquisa que objetiva identificar as semelhanças e diferenças nas análises da crise da psicologia da década de 1920 feitas por Vigotski e Politzer. O material apresentado dedica-se, em particular, a esse último autor. A análise aqui apresentada organiza-se em torno dos fundamentos da psicologia clássica, tal qual caracterizados por Politzer: a) a elementaridade do psíquico e a abstração do sentido; b) a análise da vida interior e dos processos internos; c) a apreensão imediata do fenômeno psicológico e o problema do método direto; e d) o postulado da convencionalidade da significação. A análise aqui empreendida ainda faz remissão à psicologia histórico-cultural, na medida em que ela se encontra com as apreciações politzerianas, e a outras escolas de psicologia não tratadas diretamente por Politzer. Por fim, apresenta-se um conjunto de questões em torno da psicologia concreta que configuram um interessante programa de pesquisa, a saber: a necessidade de um inventário crítico da crise da psicologia contemporaneamente; a identificação da psicologia histórico-cultural com a psicologia concreta; uma definição provisória da psicologia concreta.

Palavras-chave: psicologia concreta; Politzer; crise da psicologia.

ABSTRACT

What is Concrete Psychology? Politzerian reflections on the psychology crisis issues

This article aims to feature – from Georges Politzer's *Critique of the Foundations of Psychology* analysis – Concrete Psychology. This text is an outcome of a research ensued to identify similarities and differences in 1920's psychology crisis analysis carried out both by Vigotski and Politzer. The material here presented is dedicated, notably, to the latter author. The analysis is organized around the fundamentals of classical psychology as Politzer displays: a) elementary nature of psychic and the abstraction of meaning; b) inner life analysis and the internal processes; c) immediate apprehension of a psychological phenomenon and the problem of direct method; d) postulate of meaning conventionality. This is still an ongoing analysis reference to historical-cultural psychology insofar it meets Politzerian appraisals and other psychology schools not directly handled by Politzer. Finally, a set of issues is presented on Concrete Psychology setting up an interesting research program, namely: an uptodate critical inventory demand for psychology crisis; matching Historical-Cultural Psychology to Concrete Psychology; a provisional definition of Concrete Psychology.

Keywords: concrete psychology; Politzer; crisis of psychology.

Em memória de Lucien Sève (1926-2020), filósofo, comunista e continuador das ideias de Georges Politzer.

Este artigo objetiva elucidar o que é a Psicologia Concreta, tal qual exposta por Georges Politzer em sua *Crítica dos fundamentos da Psicologia* (a partir de agora, CFP), de 1928. O

Sobre os autores

B. P. C.
<https://orcid.org/0000-0003-1071-9433>
Universidade Federal do Paraná
– Curitiba, PR
pcarvalhobruno@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



material organizado neste texto deriva da pesquisa "A crise da Psicologia na década de 1920 por Vigotski e Politzer: uma análise comparativa", que pretende estabelecer as semelhanças e diferenças das análises da crise da psicologia e suas alternativas feitas por Politzer (1928/2004) em sua CFP e por Vigotski (1926-27/2004) em seu *Significado histórico da crise da psicologia*. Ressalte-se, aí, tratar-se de autores que não se corresponderam entre si¹, mas que, analisando um mesmo objeto (a crise da psicologia) a partir de um determinado método (aquele legado pela teoria social de Marx), produziram formulações muito compatíveis entre si (Carvalho, Camargo, et al., 2017; Carvalho, Jesus, et al., 2017). Este trabalho deter-se-á sobre as contribuições politzerianas à problemática da crise da psicologia e seus consequentes assinalamentos na direção de uma psicologia concreta, estabelecendo, ainda, algumas poucas relações com a psicologia vigotskiana. A seguir, este artigo tratará de contextualizar o sentido da obra politzeriana, destacando os principais elementos que caracterizam a sua crítica da psicologia. Por fim, apresenta-se algumas questões que conformam – em si – um programa para abordar o problema da crise da psicologia na contemporaneidade.

POLITZER: UM ILUSTRE DESCONHECIDO

Georges Politzer nasceu na Hungria, em 1903, e, aos 17 anos, pouco após a derrota da breve República Soviética Húngara de 1919 – da qual participou com fuzil nos ombros como comissário político – mudou-se para a França, onde concluiu seus estudos em filosofia e aderiu ao Partido Comunista Francês (PCF), integrando-se à intelectualidade parisiense (M. Politzer, 2013). Sua crítica, inicialmente, voltou-se ao idealismo e conservadorismo presentes nas filosofias sem matéria de Léon Brunschvicg e Henri Bergson (Lefebvre, 1944; Pardi, 2007). Os escritos propriamente psicológicos de Politzer remontam a 1924 e podem ser encontrados nos trabalhos que publicou na revista *L'Esprit*. Entretanto, seus principais trabalhos sobre psicologia datam de 1928 e 1929, a saber: sua CFP (1928) e os artigos e editoriais publicados nos dois únicos números de sua *Revue de Psychologie Concrète* (1929). A revista fundada por Politzer deveria reunir artigos de autores de diversas orientações teóricas que sinalizassem para a unificação da ciência psicológica e se opusessem às tendências metafísicas e idealistas em psicologia (Politzer, 1929a/1975). Os artigos de Politzer para a revista, *Psicologia mitológica e*

psicologia científica, e Para onde vai a Psicologia Concreta?, foram reunidos em uma única publicação pela editora Éditions Sociales, em 1947, constituindo o livro *La crise de la psychologie contemporaine* (Gabbi Jr., 2004). O mesmo material encontra-se coligido em edição portuguesa de 1975, sob o título *Os fundamentos da Psicologia*.

Sabe-se que, após as discussões realizadas nos dois números da revista, nada mais foi publicado por Politzer (1939/1975) referindo-se à crise da psicologia, à exceção do artigo *Fin de la psychanalyse*, escrito em 1939, com o pseudônimo T. W. Morris, em que Politzer denota relativo ceticismo quanto às possibilidades de desenvolvimento de uma psicologia concreta a partir da psicanálise. Segundo Jean Kanapa (1947), a possível causa que motivou Politzer a abandonar a revista e o seu projeto da CFP devia-se ao fato de Politzer passar a considerar a psicanálise um saber irreformável.

Alguns intérpretes alegam que o abandono da CFP e a consequente rejeição da psicanálise por Politzer (1939/1975) se devem à sua adesão ao PCF e, consequentemente, a uma inflexão estalinista por parte do autor (Rosim, 2006; Roudinesco, 1988). É preciso lembrar, antes de tudo, que Politzer era militante do PCF, e era um militante disciplinado que assumira muitas tarefas no partido, umas das quais consistiu em atuar como professor na Universidade Operária de Paris, entre 1935 e 1936. Deve-se, ao menos, relevar o fato de esse compromisso com o PCF bem como seu ulterior engajamento na resistência (Le Goas, 2007) terem obstado o desenvolvimento de suas ideias propriamente psicológicas. Em fevereiro de 1942, Politzer é preso e torturado pela Gestapo, sendo assassinado em 23 de maio daquele mesmo ano; no momento de sua detenção, também foi arrestada a sua esposa, Maï, que foi enviada para o campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu (M. Politzer, 2013; Pardi, 2007). Na literatura nacional em psicologia, há pouca produção referenciando a obra de Politzer, do que se destacam os trabalhos de Ferreira (1997), Furlan (1999), Lordelo (2011), Mariguela (2005), Pastre (2006), Rezende, et al., (2013), Rosim (2006), e Sawaia (2007), sendo que esses dois últimos apenas mencionam o autor. A esse respeito, acrescenta-se que a biografia de Politzer, escrita por seu filho Michel Politzer (2013), intitulada *Les trois morts de Georges Politzer*, permanece ausente na literatura psicológica nacional, o mesmo ocorrendo em relação à quase biografia escrita pelo filósofo italiano Aldo Pardi, *Il sintomo e la rivoluzione: Georges Politzer crocevia tra due epoche*, e publicada em 2007. Não se trata, evidentemente, de uma questão exclusiva

¹ Não há, até o momento, evidências de que Politzer conhecesse o trabalho de Vigotski. O contrário, entretanto, não é verdadeiro. Vigotski faz menção a Politzer em dois textos de 1931 (Vygotski, 1931a/2012, 1931b/2012) reunidos nos tomos III e IV de suas *Obras escogidas*, em um manuscrito de 1929 (Vygotski, 1929/2000) e em um manuscrito de 1930 (Vygotski, 1930/2018) recém vindo a público na seleção *Vygotski's notebooks*, organizada por Ekaterina Zavershneva e René van der Veer. A julgar pelo conteúdo do que é discutido nos textos aqui mencionados, a referência de Vigotski é provavelmente à *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, de 1928. Esta opinião é partilhada pelos editores das obras escolhidas e da seleção de manuscritos.

de nossa literatura nacional, mas, segundo Pardi (2007), essa escassez é geral até mesmo em língua francesa, o que o leva a adjetivar Politzer como um autor relativamente desconhecido. Eis a razão do título que leva esta seção.

A CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA E O PROBLEMA DA PSICOLOGIA CONCRETA

Balibar (2007) destaca que a análise politzeriana na CFP deixou pelo menos três grandes heranças ao pensamento francês, dentre as quais se destacam o resgate do projeto politzeriano por autores como Sève, Le Guillant e Dejours, o pensamento de Lacan e seu círculo – ainda que, como assinalaram Gabbi Jr. (2004) e Mariguela (2005), Lacan tenha sido muito pouco generoso em relação à contribuição de Politzer –, e uma certa tradição da fenomenologia francesa à qual se ligam Sartre, Merleau-Ponty, Ricoeur e Derrida. Esse alcance da CFP é razão suficiente para um exame mais detido dessa obra. A CFP, publicada em 1928, foi pensada em três volumes, dos quais apenas o primeiro, dedicado à psicanálise, foi concluído. O segundo volume teria o behaviorismo em sua versão watsoniana como objeto e o terceiro tomaria a Gestalt e a fenomenologia em análise. Politzer, entretanto, não considerava que a necessária crítica aos fundamentos da psicologia fosse tarefa de uma obra ou de um autor, mas, antes, uma necessidade e uma realização coletivas. É isso, frise-se, o que animou a fundação da *Revue de Psychologie Concrète*, em 1929, um ano após a publicação do primeiro (e único) volume de sua CFP (Politzer 1929a/1975; Politzer 1929b/1975). A revista reunia autores e materiais muito diversos, dos quais se destacam artigos: sobre o estado do behaviorismo no mundo e sobre “psicologia orgânica” (Kantor, 1929a, 1929b); sobre a psicologia individual (Adler, 1929); críticos sobre a psicanálise (Hesnard, 1929/1975; Hesnard & Pichon, 1929; Politzer, 1929c/1975; Politzer, 1929d/1975; Prinzhorn, 1929a; Prinzhorn, 1929b; Rank, 1929); sobre psicologia industrial (Myers, 1929), psicotécnica (Giese, 1929a) e sobre a caracterologia (Utitz, 1929); sobre a Psicopatologia de Karl Jaspers (Saupe, 1929); e, ainda, sobre problemas mais gerais da psicologia (Giese, 1929b; Politzer, 1929e/1975; Politzer, 1929f/1975). Esse breve sumário demonstra que Politzer faz aparecer na revista aquelas tendências que conformavam – a seu tempo – a chamada crise da psicologia e para as quais preparava o seu material da CFP.

Elemento definidor da crise da psicologia, segundo Politzer, é o caráter fragmentário dessa ciência, decorrente da não unidade em torno de seu objeto e da conseqüente ausência de consenso a respeito das vias metodológicas de investigação do fenômeno psicológico (Politzer, 1929a/1975).

Isso implica que para Politzer (1928/2004), assim como para Vigotski (1926-27/2004), a situação fragmentária da psi-

cologia não era algo a ser celebrado – como o fazem aqueles autores que significam essa fragmentação sob a rubrica da “diversidade da psicologia” (Figueiredo, 1992; Kahhale, 2002; Uziel et al., 2003) –, mas, antes, refletia o seu estatuto ainda não propriamente científico, que precisava ser superado. O fato de que três teóricos de orientações diversas pudessem oferecer três explicações colidentes entre si sobre um mesmo objeto, não era, para Politzer, expressão positiva da alegada diversidade da psicologia, e sim expressão de sua própria miséria teórica. Transformar aquilo que é característica central da crise dessa ciência em uma virtude não era uma resposta no horizonte de Politzer ou de Vigotski a essa problemática. Como já demonstrado por Carone e Carvalho (2016) e Carvalho (2012), a defesa dessa condição fragmentária está, no mais das vezes, sustentada em uma filosofia da ciência (a concepção de paradigmas de Thomas Kuhn) incompatível, tanto com a ideia de uma ciência alicerçada em sistemas teóricos contraditórios entre si quanto com modelos científicos não naturalistas. Uma defesa qualificada dessa posição encontra-se em Figueiredo (1992), para quem a dispersão da ciência psicológica não se refere, apenas, ao estado atual da ciência, mas a uma condição permanente, insuperável e desejável. Outrossim, a tendência à superação da fragmentação da psicologia – para Politzer (1928/2004) – reside na própria psicologia e é nela que o filósofo húngaro buscará os elementos de sua CFP. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), de Freud, Politzer encontrará a orientação da psicanálise para o sujeito concreto, ainda que – na mesma obra – também se exprima a tendência ao abstrato. Em relação ao behaviorismo watsoniano, Politzer situa a orientação para o concreto na recusa à vida interior para a explicação da conduta humana. Na Gestalt, Politzer localiza essa tendência para o concreto na compreensão da percepção como uma totalidade e não a partir de sua atomização. Recorde-se, ainda, que o trato da Gestalt e do behaviorismo de Watson não foram concluídos por Politzer, restando apenas algumas alusões esparsas em sua CFP. Segundo Politzer (1928/2004): “Ao mesmo tempo em que elas contêm a verdade, essas três tendências encerram o erro sob três aspectos diferentes e, por isso mesmo, conduzem seus discípulos por vias que afastam mais uma vez a psicologia da sua direção verdadeira” (p. 47).

Apesar das muitas diferenças entre as teorias aqui mencionadas, elas conformam um conjunto de pressupostos que Politzer denomina de “ideologia central da psicologia clássica” e que serão analisados na sequência. Esses pressupostos são: a) a ideia de que o psíquico existe sob forma elementar ou atomística; b) a noção de que o psíquico resulta de processos internos; c) a concepção de que o psíquico pode ser apreendido imediatamente; e d) o postulado da convencionalidade do significado.

A IDEOLOGIA CENTRAL DA PSICOLOGIA CLÁSSICA: A ELEMENTARIDADE DO PSÍQUICO E A ABSTRAÇÃO DO SENTIDO

É na psicologia da Gestalt que Politzer (1928/2004) encontra a rejeição da ideia de que a análise propriamente científica do fenômeno psicológico deveria dissecar o objeto em suas partes mais elementares, como o faz a concepção atomística. Para essa teoria, a percepção se forma como um todo ativo, dinâmico e organizado cujas características são irredutíveis às propriedades de seus elementos. Na Gestalt encontra-se também a ideia de que a percepção é a percepção de totalidade e sentido. O sentido que compõe a percepção, entretanto, é tratado pelos gestaltistas a partir de uma concepção apriorística – um sentido que reside no próprio ato perceptivo em geral – e não como sentido engendrado na historicidade da ação humana. Ainda, a ação propriamente humana como organizada do sentido não tem lugar especial nos primeiros expoentes da Gestalt (nomeadamente Köhler, Koffka e Wertheimer), para os quais apenas existem as leis internas e universais da forma. Posição similar encontra-se em Vigotski (1926-27/2004), quando afirma que a Gestalt passa a tratar um rol complexo de problemas – como a psicologia dos povos, a criação artística, etc. – a partir de suas concepções sobre a forma.

A Gestalt apenas oferece as ideias de que o todo é distinto da soma das partes, que origina novas propriedades do objeto e a de que a forma se organiza sob a forma de sentido. Mas o sentido, aí, é incapaz de restituir à ação sua orientação propriamente humana, mundana, e recai-se em mais uma das formas da psicologia da vida interior. É o drama a categoria empregada por Politzer (1928/2004) para reunir o ato e as significações em um todo, de modo a superar os limites ante os quais se deteve a psicologia da Gestalt. No teatro, nenhum ato isolado tem sentido, seu sentido apenas se revela no conjunto da obra em questão: o sofrimento e atos de Hamlet e as ambições de Cláudio só encontram sentido na trama da corte oferecida por Shakespeare; a paranoia de Golyadkin contra o seu homônimo particulariza a sociedade czarista russa expressa por Dostoiévski em seu *O duplo*; a tristeza profunda de Werther e a intensidade de seus sentimentos têm lugar no alvorar do amor romântico (burguês) numa sociedade em que a forma do amor romântico ainda não ganhou plenas possibilidades de existência, daí o seu desfecho não poder ser outro que não uma tragédia, como retratado por Goethe. Nenhum desses atos e significações possui valor em si mesmos fora da dramaticidade e historicidade humanas. Quando escrevo (ato de um sujeito) um texto (conteúdo), dirijo-me a um leitor em quem pretendo produzir determinada reação ou compreensão (finalidade), e estes elementos – ato, conteúdo e sentido/finalidade – constituem em conjunto um segmento de minha vida particular: eis a noção de drama em Politzer. E se, na vida, como na arte, as ações e significações só têm sentido enquanto totalidade, então não é razoável que na análise do

fenômeno psicológico de sujeitos concretos elas sejam parceladas e abstraídas de seu conjunto. Ao não tomar em conta o drama (ou categoria correlata) como unidade de análise do fenômeno psicológico, restou à Gestalt a análise da vida interior. A *interpretação dos sonhos* (1900), de Freud, representou uma orientação para o concreto por parte da psicologia em relação ao problema do sentido (Politzer 1928/2004). Freud se opôs às concepções fisiológicas do sonho, que o consideravam uma espécie de déficit da vigília da consciência, do que se derivava o seu caráter caótico e sem sentido. A afirmação freudiana, de que o sonho é a realização de um desejo, confere ao sonho a legitimidade de ser tratado como um fato psicológico antes que fisiológico: se o sonho é a realização de um desejo, então ele possui um sentido. Esse sentido, cumpre antecipar, não é um sentido geral, mas um sentido singular em relação ao sujeito que sonha. Disso desprende-se que a psicanálise foi a primeira tradição psicológica a tratar os dramas singulares do sujeito, a historicizá-los. Quando se diz “desejo”, se está referindo a algo que o sujeito quer e que orienta a sua ação, portanto o sonho realiza uma intencionalidade significativa do mesmo modo que ocorre com aqueles atos humanos realizados durante a vigília. Assim, o sonho deixa de ser um fato puramente fisiológico do qual somos sujeitos passivos e se torna um ato do sujeito que sonha, porque o desejo não é um desejo em geral, mas o desejo de Maria ou de Marcelo, cujo sentido (conteúdo latente) apenas pode ser encontrado no drama de cada paciente singular. Os sonhos são caóticos ou bizarros por razões determinadas que devem ser buscadas na história de vida de cada sujeito e, portanto, são também inseparáveis do próprio eu. Arrancar dos sonhos a sua significação e o seu sujeito reflete o procedimento essencial da psicologia clássica para transformar os fenômenos psicológicos em objeto científico: a abstração.

Ora, caso tenha sua razão de ser, a psicologia só pode existir como ciência “empírica”. Ela deve interpretar a exigência da primeira pessoa e da homogeneidade de maneira apropriada a seu plano. Tendo de ser empírico, o eu da psicologia só pode ser o indivíduo particular. Por outro lado, esse eu não pode ser o sujeito de um ato transcendental, como a percepção, pois é preciso uma noção que esteja no mesmo plano que o indivíduo concreto e que seja simplesmente o ato do eu da psicologia. Ora, o ato do indivíduo concreto é a vida, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a vida no sentido dramático do termo (Politzer, 1928/2004, p. 67).

Outro fenômeno analisado por Politzer (1928/2004) para tratar o problema da abstração é o esquecimento. Para a psicologia clássica, o esquecimento apenas pode ser explicado como um esquecimento em geral, uma falha, limite ou propriedade da memória, mas para ela não importa quem se esqueceu e precisamente o que se esqueceu. Contemporaneamente, se interrogarmos a um psicólogo cognitivista, como

Sternberg (2008), sobre o fenômeno do esquecimento, encontraremos como respostas explicações sobre o funcionamento da memória e suas qualidades (propriedades), como intervalo entre a apresentação dos estímulos, a natureza dos estímulos/informação, o caráter evanescente da memória de curto prazo, a natureza reconstrutiva da memória, etc. O sentido, nesse tipo de compreensão sobre os processos mnésicos, quando existe, está reduzido a alguma propriedade imanente dos estímulos ou da tarefa experimental em questão. Aí, o relato dos sujeitos experimentais é transformado num segundo relato, destituído de sentido, que remete irrevogavelmente a categorias psicológicas formais (formalismo). A atitude da psicologia concreta ante o fenômeno psicológico do esquecimento é de outra natureza. A análise freudiana do esquecimento e da lembrança põe em relevo uma orientação para o concreto por parte da psicologia e essa atitude de Freud é preciso preservar. Para Politzer (1928/2004):

Considerarei o fato do esquecimento, por assim dizer, de um ponto de vista formal, como se fosse o esquecimento de algo e, além do mais, como se fosse o esquecimento de alguém. Não levei em conta o fato de que se tratava precisamente de tal nome e que era precisamente eu (moi) que o esquecera. Minhas constatações permanecem gerais e nada me informam, na medida em que não sei por que esqueci exatamente esse nome nem o momento preciso em que o esqueci. Essa é a natureza da introspecção. Não poderia responder às perguntas da psicologia concreta pois, para isso, é preciso considerar as circunstâncias particulares do esquecimento, o que o nome esquecido significa para mim; seria necessário considerar esse esquecimento como um segmento da minha atividade particular, como um ato que, vindo de mim, me caracteriza; seria preciso penetrar o sentido desse esquecimento (pp. 84-85).

Se, por um lado, a psicanálise sinalizou na direção da psicologia concreta, não se pode olvidar que ela mesma também é legatária da ideologia central da psicologia clássica e, portanto, também nela se encontra a tendência à abstração. Para ser mais preciso, na mesma *A interpretação dos sonhos* se expressa a contradição entre a psicologia concreta e a psicologia abstrata (Politzer, 1928/2004). A partir do capítulo VII dessa obra, Freud passa a organizar o seu material empírico em torno de sua concepção de aparelho psíquico, de modo que a questão do sonho passa a se apresentar da seguinte maneira: há um sujeito que sonha e relata o sonho do qual se esquece algo; esse algo esquecido é manifestação de um conteúdo, latente ao relato, que é tomado como elemento indiciário da existência de um ente mental chamado inconsciente. Politzer (1928/2004) não considera que o inconsciente exista nesses termos. Quando o sujeito lembra algo de que se esquecera em seu sonho, a única coisa que o analista passa a saber é que o seu paciente agora sabe de algo que não tinha conhecimento, que ignorava, mas isso não pode ser tomado

como testemunha da existência da categoria do inconsciente e do aparelho psíquico. A conclusão freudiana pelo aparelho psíquico é caracterizada por Politzer (1928/2004) como o realismo da psicologia clássica e resulta na transformação da vida dinâmica do indivíduo em um processo que deriva da interação conflitiva entre forças impessoais que o sujeito não domina: o sujeito do ato e o sentido a ele imanente dão lugar à psicologia abstrata. A psicanálise, nessa avaliação, acerta na atitude concreta para a abordagem dos sonhos e se equivoca no preciso momento em que precisa transformar seus achados clínicos em interpretação teórica. O realismo, nesse caso, implica no abandono da significação por uma entidade psíquica que toma o lugar do ato. Partindo de uma orientação concreta, a psicanálise gera um segundo relato em que a resistência às representações, às instâncias psíquicas (inconsciente, pré-consciente e consciente) e à concepção energética da vida psíquica se tornam o palco e o sujeito da vida individual, suprimindo o próprio sentido (significação) a que essa teoria psicológica havia dado relevo. Eis a formação de um dos pilares da ideologia central da psicologia clássica: a análise elementar e o abandono do sentido, ao que Politzer opõe a análise em totalidade e o problema do sentido como tendências da nova psicologia presentes na velha psicologia. Em Vigotski (1930/2004), há afirmação bastante compatível com aquela feita por Politzer (1928/2004): "Parece-me que sistemas e finalidade são as duas palavras que devem encerrar o alfa e o ômega de nosso trabalho mais imediato." (p. 135). No texto aqui referido, Vigotski estava, precisamente, a apresentar sua concepção de sistema (ou nexos) psicológico como alternativa à análise elementar da psicologia.

A IDEOLOGIA CENTRAL DA PSICOLOGIA CLÁSSICA: A PSICOLOGIA DA VIDA INTERIOR E DOS PROCESSOS INTERNOS

Importante expressão da orientação para o concreto em psicologia se deve – para Politzer (1928/2004) – à síntese da reflexologia oferecida por Watson e sua consequente formulação de uma psicologia como ciência do comportamento que exclui a suposição da consciência e de suas funções. Ao afirmar a psicologia como ciência natural, Watson postulava o comportamento observável (e passível de mensuração) como objeto da psicologia, arrancando-a do subjetivismo que marcava o método da introspecção. Com isso,

O grande mérito de Watson, o dissemos desde o início, é ter compreendido que o ideal da psicologia, ciência da natureza, implica uma renúncia absoluta e sem condições à vida interior. (...) Watson compreendeu que a atitude sinceramente científica exigia que se fizesse tábula rasa de tudo que é introspecção e espiritualidade, conseguindo o que tinha passado despercebido aos maiores campeões da psicologia objetiva: *pensar até o fim a exigência da objetividade em psicologia* (Politzer, 1928/2004, p. 184).

A renúncia ao estudo da vida interior e a exigência de uma psicologia objetiva, estes os méritos de Watson na apreciação politzeriana. Watson reage à psicologia abstrata colocando o comportamento como fato psicológico primeiro, põe a psicologia nos trilhos da objetividade, mas, escreveu Politzer (1928/2004), "perde a psicologia" (p. 184), uma vez que, nessa operação, o comportamento passa a ser explicado a partir de relações de estímulo e resposta que prescindem do sentido. A ideia de uma vida interior na raiz da conduta humana, fórmula explicativa rejeitada por Watson, tem lugar de destaque contemporaneamente na intensificação do processo de medicalização. Por medicalização entenda-se a tendência à transformação de aspectos da vida social em questões de natureza individual e passíveis de intervenção da medicina (Almeida & Gomes, 2014). Exemplo disso pode ser encontrado nas matérias jornalísticas que reportaram a morte de Patrícia Araújo, atriz transexual, que atuara em uma novela da Rede Globo de Televisão. Matéria da *Folha de São Paulo* noticiava: "Atriz de 'Salve Jorge' morre aos 37 anos após quadro de depressão"; outros meios, como a *Istoé* e o *Jornal Extra*, deram a mesma notícia. Sem nenhum aprofundamento, o conteúdo das matérias se limitava a destacar a carreira da atriz, seu quadro depressivo e o fato de ter morrido após 9 dias de internamento, sem qualquer levantamento sobre o seu quadro clínico ou vivencial. Do modo como as matérias reportam, parece que Patrícia sofria de alguma doença, como o câncer, que a levou à morte. Nelas, a depressão como causa da morte é sugerida sem nenhuma surpresa e não há qualquer investigação sobre a evolução do seu quadro clínico, se morreu porque não conseguia se alimentar, o que a fazia triste (deprimida), o que estava ocorrendo em sua vida, se a condição de ser transexual no país que lidera o ranking mundial de assassinatos a pessoas transexuais se relacionava com seu padecimento, etc. Esse modo de compreensão, difundido midiaticamente e apoderado pelo senso comum, é próprio da psiquiatria moderna, que toma, frequentemente, os ditos transtornos mentais como causa do comportamento. Ainda a título de exemplo, o psiquiatra José Manoel Bertolote e a psicóloga Alexandra Fleischmann, referências nos estudos médicos sobre o suicídio, chegam a afirmar que 98% dos suicídios são cometidos por pessoas que possuem algum transtorno mental (Bertolote & Fleischmann, 2004). E o que é um transtorno para a psiquiatria moderna? Ora, um ente, dentro do sujeito, que o leva a fazer (ou a não fazer) algo, o que, a rigor, sinaliza que não há, para ela, um sujeito, mas apenas a depressão, a ansiedade, um acesso de raiva, pânico, etc., em síntese, uma abstração. A ira, o choro, uma tentativa de suicídio, a automutilação, são atos concretos e significativos do sujeito e não processos propriamente internos. É precisamente na suspensão desse tipo de concepção abstrata sobre a vida interior e a determinação do comportamento que o behaviorismo watsoniano e a atitude de Freud se encontram: "Os dois correspondem a

uma revolta contra a abstração, que é o caráter fundamental da psicologia clássica: são duas tentativas para introduzir a análise concreta numa disciplina que só conhece até aí devaneios abstratos." (Politzer, 1928/2004, p. 192). À exigência de objetividade, representada por Watson, e àquela trazida por Freud de tomar o fenômeno psicológico a partir de sua significação, Politzer (1928/2004) respondeu com a formulação de um objeto para a psicologia: "o fato psicológico é o comportamento com um sentido humano" (p. 186), ou seja, o drama. Em síntese, a psicologia concreta precisa ser objetiva e, simultaneamente, psicológica.

A IDEOLOGIA CENTRAL DA PSICOLOGIA CLÁSSICA: A APREENSÃO IMEDIATA DO FENÔMENO PSICOLÓGICO

O problema do método de investigação do fenômeno psicológico não foi tratado detidamente por Politzer, e é razoável supor que um trato mais adequado e sistêmico da questão dependesse do exame que realizaria nos outros dois tomos da CFP. Suas formulações, entretanto, permitem supor que sua abordagem caminhava na mesma direção que a condenação vigotskiana do chamado método direto da psicologia. Para Vigotski (1926-27/2004), esse problema resultava de uma compreensão equivocada do próprio método das ciências naturais, a saber: a de que as ciências naturais estão fundadas exclusivamente no método da experiência direta (observação). Em primeiro lugar, boa parte daquilo que as ciências naturais estudam não provém da experiência direta. Para ficar com um exemplo vigotskiano: a formulação científica do fato de que a terra orbita em torno do sol foi estabelecida a despeito do fato de que a nossa experiência direta com o sol seja a de que ele se move em relação à terra (nesse caso, revela-se que a experiência direta pode, inclusive, ser enganadora). Ainda, ciências como a geologia ou história partem de indícios de uma realidade pretérita (a formação dos oceanos ou a Revolução Francesa) para interpretar conceitualmente tais processos objetivos. Por meio desses vestígios, o geólogo e o historiador estudam, como objetos, determinados processos geológicos e históricos e não os vestígios mesmos desses processos. "Em essência, é esse dogma da experiência direta como única fonte e limite natural do conhecimento científico que mantém e lança no vazio toda a teoria sobre o método dos reflexólogos." (Vigotski, 1926-27/2004, p. 279). O problema do método direto, tal qual formulado acima, é identificado por Politzer na Gestalt e no behaviorismo de Watson. As concepções introspeccionistas – das quais a Gestalt é um exemplar – concebem que o mundo interno se expressa imediatamente em nossas respostas a experimentos perceptivos. Assim, mesmo opondo-se à análise elementar, a Gestalt concebe o fenômeno psicológico como um objeto simples que pode ser apreendido perceptualmente (pelo investigador) de forma imediata. O behaviorismo watsoniano, que atacou

a tese da vida interior, colocou o comportamento observável como objeto da psicologia – entendida como ciência natural –, e dela afastou a consciência e, por extensão, o problema do sentido. Acaso as ciências naturais estivessem fundadas exclusivamente no método direto, Einstein deveria se abster da suposição das ondas gravitacionais (uma consequência necessária de sua teoria da relatividade geral) e os físicos que lhe sucederam deveriam ter abandonado os cálculos e previsões baseados em dita suposição. Felizmente, não foi o que ocorreu e, apenas 99 anos depois da predição de Einstein, tais ondas puderam ser detectadas diretamente (Abbott et al., 2016), sem que – antes disso – a física deixasse de considerar a curvatura do espaço-tempo como uma propriedade da natureza. Esta, uma postura muito diversa da de Watson em sua recusa de que a consciência fosse objeto de estudo da psicologia pelo seu caráter não mensurável e inobservável. Politzer (1928/2004) é severo na condenação da tentativa de a psicologia fundar-se sobre o método direto e chega a afirmar que os psicólogos são cientistas do mesmo modo que os povos colonizados e evangelizados seriam cristãos.

Em que pese se afastem na formulação do objeto da psicologia, behaviorismo watsoniano (comportamento observável) e Gestalt (a forma ou a percepção) igualmente reduzem o seu objeto a um fato simples e imediatamente apreensível. Assim,

Para a psicologia introspeccionista clássica, diretamente oriunda do realismo, o fato psicológico é um dado simples, relacionado a uma realidade perceptível chamada psíquico. O próprio dos fatos psicológicos é dado pela participação dessa realidade que constitui um mundo ou uma vida no mesmo sentido que a natureza, mas que goza de propriedades opostas. Os psicólogos objetivistas, quando protestaram contra o próprio realismo psicológico, só procuraram libertar-se da forma técnica do realismo, não da atitude fundamental que a gera: procuraram, eles também, definir o fato psicológico como um dado simples relacionado a uma realidade perceptível e, até aceitando a alternativa clássica do espírito e da matéria, eles encontraram-se diante da exigência de procurar o fato psicológico nos dados da percepção externa. (Politzer, 1928/2004, p. 183).

A postura crítica de Politzer ante a psicologia objetiva de Watson não significa o abandono da objetividade pela psicologia, mas, antes, representa a recusa a que essa objetividade se encerre em formas elementaristas de investigação do psíquico que ignoram a natureza de seu objeto e a ele impõem métodos incapazes de capturar objetivamente as suas propriedades. Não é demais observar que a despeito da crítica a Watson, Politzer (1928/2004) considera a sua psicologia como a única “alternativa sincera de psicologia objetiva” (p. 184). Mais uma vez, é em Freud que Politzer identifica uma atitude metodológica correta ante o objeto da psicologia. A psicanálise rejeita a ideia do psíquico como dado imediato

ou perceptivo, assumindo, antes, que ele é parte de uma trama e nessa qualidade “seria apreendido através de inúmeras mediações e suporia interpretações por parte do analista.” (Gabbi Jr., 2004, p. IX). Sob a hipótese do inconsciente, Freud situa a natureza peculiar do psíquico em oposição à introspecção e à psicologia fisiológica e objetiva. A via de acesso aos fenômenos do inconsciente exige o emprego de mediações, porque na própria definição do psíquico rejeita-se o seu caráter de objeto diretamente observável. Ocorre, entretanto, que na formulação do inconsciente como objeto constituído de múltiplas mediações, Freud faz desaparecer a consciência e substitui as significações pelo conflito entre forças impessoais, o que resulta na anulação da própria natureza do drama humano. O drama, que não é outra coisa senão um segmento do comportamento humano dotado de intenção significativa e contexto, figura como objeto da psicologia concreta, cuja objetividade não pode ser definida pelos mesmos atributos (extensão, movimento, mensurabilidade) com os quais se procede à investigação da natureza. Os relatos são, nessa definição, os dados da psicologia concreta, e, “sem serem experimentais no sentido vulgar da palavra, são, de direito, universalmente acessíveis e verificáveis. Qualquer um pode empreender, com ajuda do método do relato, a descrição e a análise do drama.” (Politzer, 1928/2004, p. 188).

A IDEOLOGIA CENTRAL DA PSICOLOGIA CLÁSSICA: O POSTULADO DA CONVENCIONALIDADE DO SIGNIFICADO

Uma vez considerado o sentido como parte integrante do próprio ato, Politzer passa a analisar duas formas de se compreender o problema do sentido: a partir de uma dimensão pública, convencional, em que o sentido se confunde com os significados partilhados por uma comunidade linguística, e o sentido tomado em sua dimensão íntima, individual. A psicologia clássica introspeccionista quando tratou do problema do significado apenas o fez em sua primeira acepção, de modo que uma palavra, uma resposta fisiológica ou uma percepção significavam – inequívoca e indistintamente – uma categoria formal trasladada à vida interior sob o rótulo de faculdades psíquicas. Nesse realismo ingênuo, a realidade fora do sujeito (a gramática, os objetos, as relações, etc.) é simplesmente refletida em seu mundo interno, que se verte em um mero receptáculo do mundo fora de si. Transforma-se, com isso, o significado partilhado da linguagem em conteúdo psicológico genérico e elimina-se, aí, o problema do sentido. Por outro lado, a psicologia objetiva de Watson sequer colocou o problema do sentido, uma vez que se concebia que o comportamento se encerrava em múltiplas relações de tipo estímulo-resposta para as quais a consciência individual não jogava papel significativo (Politzer, 1928/2004). A psicanálise não se contenta em apreender a significação apenas nesse plano, e a distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo

latente, operada por Freud n'A *Interpretação dos Sonhos*, é a chave a partir da qual Politzer passa a tratar essa problemática. As expressões empregadas pelo sujeito que relata o seu sonho não possuem significação fora da existência concreta desse mesmo sujeito, de modo que entre o significado convencional e o sentido singular há um complexo de mediações: "‘chapéu’ significa para todos ‘agasalho para a cabeça’; ‘presente’, só para alguns; e ‘partes sexuais do marido’, só para a senhora cujo sonho Freud analisou em *Traumdeutung*." (Politzer, 1928/2004, p. 97). O psicanalista não pode abandonar o plano das significações. Ele – por dever de ofício – deve aprofundá-las, ultrapassando o véu das significações convencionais e indo ao encontro da significação íntima daquele relato, no contexto em que dado sonho emerge. A interpretação é orientada para o concreto porque implica em devolver o relato à vida dramática do sujeito. Cumpre recuperar o fato de que Vigotski (1934/2009), em seu *Pensamento e fala* – cuja tradução ao português brasileiro foi feita como "A construção do pensamento e da linguagem" –, ocupava-se, precisamente, do problema da distinção entre o caráter coletivo e público do significado e a sua natureza íntima, privada, a que chamou de sentido. Tratava-se, ali, de situar o complexo de mediações que se interpunha entre o significado e o sentido, singularizando as relações sociais. Essas categorias também aparecem em Leontiev (1978) como elementos da unidade da consciência. É importante assinalar que Politzer, embora assinala a importância da dimensão singular do significado na construção da ciência psicológica, não desenvolve investigação ulterior a esse respeito, mas podemos encontrar na perspectiva histórico-cultural iniciada por Vigotski um conjunto de respostas para as questões formuladas por Politzer. A esse problema (e a outros) dedicaremos publicação posterior em decorrência da anteriormente mencionada pesquisa comparativa entre as análises de Vigotski e Politzer sobre a crise da psicologia.

CONCLUSÃO – ALGUMAS QUESTÕES SUSCITADAS PELA ANÁLISE POLITZERIANA

As quatro características, aqui brevemente tratadas, compõem a ideologia central da psicologia clássica. A psicologia clássica, para Politzer (1928/2004), nada mais é do que a formalização conceitual de um mito cristão: o de que somos corpo e alma. A psicologia ora pendulou ao polo do fisicalismo, em razão do que apenas com muita dificuldade pôde se libertar da fisiologia, ora ao polo do subjetivismo, para o qual a vida psíquica existia em si mesma e cuja gênese material não poderia ser remontada. Para atualizar a crítica politzeriana, é necessário tomar em conta as expressões contemporâneas da elaboração nocional desse mito. De um lado (do objetivismo), temos – por exemplo – Skinner (1981/2007) a estender

a lei da seleção por consequências do processo de seleção natural ao comportamento e às práticas culturais, apagando as diferenças entre o comportamento humano e animal, pois ambos seriam regidos pelas mesmas leis gerais, a despeito da especificidade do comportamento verbal. Para ele, o "condicionamento operante é a seleção ocorrendo" (Skinner, 1981/2007, p. 132). Do lado do espiritualismo, encontra-se a premissa fenomenológica de que não há objeto/objetividade em si, mas apenas consciência do objeto, de modo que não seria possível entender causalmente o comportamento mas apenas compreendê-lo. É precisamente na resposta a esse pêndulo que vai do objetivismo ao subjetivismo – e que marca a psicologia clássica ao tempo de Politzer e de hoje – que a psicologia histórico-cultural se organiza. Para esta, não se trata de marcar o psiquismo propriamente humano como uma faculdade espiritual especial, mas, antes, de – compreendendo a sua particularidade – identificar a sua gênese objetiva, que não se confunde com as leis naturais (embora jamais a suprimam em absoluto). Em síntese, trata-se de explicar como o humano deixou de ser espécie puramente regida por leis naturais e originou um plano da existência – o plano histórico-social – com uma legalidade própria e irreduzível àquela da natureza. Esta, a resposta vigotskiana ao mito da dupla natureza. Um inventário crítico das expressões contemporâneas da crise da psicologia – à qual, ainda, se deve acrescentar a neuropsicologia, a psicotécnica e o cognitivismo –, visando a identificar como essas escolas de psicologia revelam determinados aspectos da verdade sobre o fenômeno psicológico, é tarefa ainda por realizar. Dito inventário deve levar em conta as três condições de Politzer (1928/2004) para que a psicologia se torne uma ciência positiva, jamais alcançadas pelas escolas de psicologia a seu tempo: a) que a psicologia seja uma ciência *a posteriori*, não escolástica, que represente o estudo adequado dos fatos psicológicos e esteja em constante confronto com os achados empíricos; b) que seu objeto não se confunda com o de outras ciências, ou seja, deve ser original; e c) que seja objetiva, definindo claramente o fato psicológico e seus métodos de investigação, ao mesmo tempo, que devem tornar esses fatos verificáveis e acessíveis. Outra questão, ainda, a se investigar é quanto à pertinência de se tomar a psicologia histórico-cultural como se fora sinônimo da psicologia concreta. Há razões para essa suposição: a resposta oferecida por Vigotski ao problema da significação, a compatibilidade de seu diagnóstico da crise da psicologia, e suas referências ao fato de a personalidade ser o produto mais complexo das relações sociais em termos de formação do psiquismo, são apenas três delas. Mas há que se ter cautela e a isso dedicar esforços de investigação, pois se a psicologia histórico-cultural é mais uma escola da psicologia, então é lícito supor que nela também habitem a psicologia concreta e a psicologia abstrata. Problema ainda importante sobre a relação entre a psicologia concreta e a perspectiva histó-

rico-cultural reside no fato de que Politzer oferece um veto à suposição de estruturas psíquicas por parte da psicologia concreta. Vigotski, por sua vez, reconhece a existência dessas estruturas, as quais toma como órgãos funcionais (portanto, dinâmicos) cuja origem se situa na exterioridade das objetivações humanas. Politzer assinala para a historicidade até onde vai a psicanálise: a historicidade do sujeito; Vigotski e seus colaboradores vão além e historicizam as categorias mesmas da vida psíquica. Ainda, as posições de Vigotski e de Politzer, em comparação, quanto à relação entre exterioridade e interioridade precisam ser melhor investigadas. Se isso não for razão suficiente para a cautela aludida neste parágrafo, convém, ao menos, atentar-se para o que escreveu Vigotski (1929/2000) em seu *Manuscrito de 1929*: “Minha história do desenvolvimento cultural é a elaboração abstrata da psicologia concreta” (p. 35). Por fim, cumpre apresentar certa síntese do que é a psicologia concreta. A psicologia concreta é a forma propriamente positiva da psicologia, que implica a superação da abstração (o apagamento do sujeito concreto, a psicologia em terceira pessoa), do realismo (ou seja, da tomada do relato como testemunho de uma entidade ontológica como faculdade mental), e também da tendência ao formalismo (aquela tendência expressa pela psicanálise em partir do sujeito em primeira pessoa para logo abandoná-lo à impessoalidade das categorias do aparelho psíquico), das doutrinas objetivistas e subjetivistas. O projeto politzeriano representa – nas palavras de Vigotski (1929/2000) – a humanização da psicologia.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certifico que o autor participou suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

B. P. C. é responsável por todo o estudo e pela respectiva redação.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Abbott, B. P., Abbott, R., Abbott, T. D., Abernathy, M. R., Acerese, F., Ackley, K., Adams, C., Adams, T., Adesso, P., Adhikari, R. X., Adya, V. B., Affeldt, C., Agathos, M., Agatsuma, K., Aggarwal, N., Aguiar, O. D., Aiello, L., Ain, A., Ajith, P., ... Zweizig, J. (2016). Observation of Gravitational Waves from a Binary Black Hole Merger. *Physical Review Letters*, 116(6), 061102. <https://doi.org/10.1103/PhysRevLett.116.061102>
- Adler, A. (1929). Les idées fondamentales de la psychologie individuelle. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 89-101.
- Almeida, M. R., & Gomes, R. M. (2014). Medicalização social e educação: contribuições da teoria da determinação social do processo saúde-doença. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 25(1), 155-175. <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2728>
- Balibar, E. (2007). Introduzione. In Pardi, A. *Il sintomo e la rivoluzione: Georges Politzer crocevia tra due epoche* (pp. 7-14). Manifestolibri.
- Bertolote, J. M., & Fleischmann, A. (2004). Suicídio e doença mental: uma perspectiva global. In Werlang, B. G., Botega, N. J. *Comportamento suicida* (pp. 35-44). Artmed.
- Carvalho, B. P. (2012). A apropriação do conceito de paradigma pela psicologia. *Psicologia Revista*, 21(1), 11-31. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/13580/10095>
- Carone, I., & Carvalho, B. P. (2016). *A psicologia tem paradigmas?* (2ª ed. revista e ampliada). Escuta, 2016.
- Carvalho, B. P., Camargo, A. F. B. T., Palhuzi, B. C. C., & Jesus, N. B. (2017). A análise vigotskiana da crise da psicologia: elementos para uma análise comparativa. In *Caderno de trabalhos completos do XIII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional* (pp. 23-34). Salvador, BA.
- Carvalho, B. P., Jesus, N. B., Camargo, A. F. B. T., & Palhuzi, B. C. C. (2017). A análise politzeriana da crise da psicologia: elementos para uma análise comparativa. In *Caderno de trabalhos completos do XIII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional* (pp. 11-22). Salvador, BA.
- Ferreira, M. R. (1997). Exigências históricas para a psicologia: Georges Politzer e a psicologia concreta. *Psicologia Revista*, (4), 61-72.
- Figueiredo, L. C. (1992). Convergências e divergências: a questão das correntes de pensamento em psicologia. *Transinformação*, 4(1, 2, 3), 15-26. <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1651/1622>
- Furlan, R. (1999). Freud, Politzer, Merleau-Ponty. *Psicologia USP*, 10(2), 117-138. <https://doi.org/10.1590/psicusp.v10i2.108066>
- Gabbi Jr. (2004). Prefácio: considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise. In Politzer, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise* (2ª ed., M. M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad., pp. V-XXVIII). Editora Unimep.
- Giese, F. (1929a). La psychotechnique en Allemagne. *Revue de Psychologie Concrète*, (2), 203-214.
- Giese, F. (1929b). Théorie et pratique en matière de psychologie. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 65-74.

- Hesnard, A. (1975). A propósito de uma pretensa "crise" da psicanálise. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 257-279). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929).
- Hesnard, A., & Pichon, E. (1929). Aperçu historique du mouvement psychanalytique français. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 105-120.
- Kahhale, E. M. S. P. (2002). Introdução. In: Kahhale, E. M. S. P. (Org.). *A diversidade da psicologia: uma construção teórica* (pp. 11-16). Cortez.
- Kanapa, J. (1947). Préface. In Politzer, G. *La crise de la psychologie contemporaine* (pp. 7-13). Éditions Sociales.
- Kantor, J. (1929a). L'état actuel du behaviorisme. *Revue de Psychologie Concrète*, (2), 215-226.
- Kantor, J. (1929b). La psychologie organique. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 75-88.
- Le Goas, M. (2007). Prefácio. In Politzer, G. *Princípios elementares de filosofia* (2ª ed., Silvio Donizete Chagas, Trad., pp. 4-5). Centauro.
- Lefebvre, H. (1944). Georges Politzer. *La Pensée*. (1), 7-10.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Ediciones Ciencias del Hombre.
- Lordelo, L. R. (2011). A crise na Psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 537-544. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400019>
- Mariguela, M. A. (2005). *Jacques Lacan, o passador de Georges Politzer: surrealismo e psicanálise* [Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252957>
- Myers, C. S. (1929). La psychologie industrielle en Grande-Bretagne. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 121-131.
- Pardi, A. (2007). *Il sintomo e la rivoluzione: Georges Politzer crocevia tra due epoche*. Manifesto Libri.
- Pastre, J. L. (2006). Crítica aos fundamentos da psicologia em Politzer: psicanálise e psicologia concreta. [número especial]. *Educação Temática Digital*, 8, 103-120. <https://doi.org/10.20396/etd.v8i0.716>
- Politzer, M. (2013). *Les trois morts de Georges Politzer*. Flammarion.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise* (2ª ed., M. M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Editora Unimep. (Trabalho original publicado em 1928)
- Politzer, G. (1975). Editorial. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 61-72). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929a)
- Politzer, G. (1975). Editorial. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 161-166). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929b).
- Politzer, G. (1975). A crise da psicanálise. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 233-239). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929c).
- Politzer, G. (1975). Resposta ao professor Hesnard. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 283-301). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929d).
- Politzer, G. (1975). Psicologia mitológica e psicologia científica. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 75-159). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929e).
- Politzer, G. (1975). Para onde vai a psicologia concreta? In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 169-229). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1929f).
- Politzer, G. (1975). O fim da psicanálise. In Politzer, G. *Os fundamentos da psicologia*. (A. M. M. de Almeida, Trad., pp. 373-395). Prelo Editora. (Trabalho original publicado em 1939).
- Prinzhorn, H. (1929a). La crise de la psychanalyse. *Revue de Psychologie Concrète*, (1), 140-154.
- Prinzhorn, H. (1929b). Sur l'article de Hesnard "A propos d'une prétendue crise de la psychanalyse". *Revue de Psychologie Concrète*, (2), 294-297.
- Rank, O. (1929). Remarques sur la crise de la psychanalyse. *Revue de Psychologie Concrète*, (2), 259-266.
- Rezende, M. S., Athayde, M. R. C., & Christo, C. S. (2013). O conceito de atividade como unidade de análise na Psicologia? Um possível diálogo entre Vigotski e Politzer. *Mnemosine*. 9(1), 61-80. https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41542/pdf_257
- Rosim, A. D. (2006). *Georges Politzer e a psicologia: antecedentes do programa para uma psicologia concreta* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279157>
- Roudinesco, E. (1988). *História da psicanálise na França* (Vol. 2, 2ª ed., Vera Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Saupe, E. (1929). À propos de la traduction française de la psychopathologie générale de Jaspers. *Revue de Psychologie Concrète*, (2), ?-?.
- Sawaia, B. B. (2007). Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. [número especial, 2]. *Psicologia & Sociedade*. 19, 81-89. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500023>

- Skinner, B. F. (2007). Seleção por conseqüências. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 9(1), 129-137. (Trabalho original concluído em 1981). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.150>
- Sternberg, R. J. (2008). *Psicologia cognitiva* (4ª ed., R. C. Costa, Trad.). Artmed.
- Utitz, E. (1929). De l'orientation de la caractéologie. *Revue de Psychologie Concrète*, (2), 227-258.
- Uziel, A. P., Prestrelo, E. T., Jacó-Vilela, A. M., Ewald, A. P., & Mancebo, D. (2003). Da diversidade na psicologia [Editorial]. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3(2). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812003000200001
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21-44. (Trabalho original concluído em 1929). <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Vigotski, L. S. (2004). O significado histórico da crise da psicologia. In Vigotski, L.S. *Teoria e método em psicologia* (3ª ed., C. Berliner, Trad., pp. 203-420). Martins Fontes. (Trabalho original provavelmente concluído entre os anos 1926 e 1927).
- Vigotski, L. S. (2004). Sobre os sistemas psicológicos. In Vigotski, L.S. *Teoria e método em psicologia* (3ª ed., C. Berliner, Trad., pp. 103-136). Martins Fontes. (Trabalho original concluído em 1930).
- Vigotski. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem* (2ª ed., P. Bezerra, Trad.). Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original concluído em 1934).
- Vygotski, L. S. (2012). Método de investigación. In Vygotski, L. S. *Obras escogidas* (Tomo III, J. G. Blank, Trad., pp. 47-96). Machado Libros. (Trabalho original concluído em 1931a).
- Vygotski, L. S. (2012). Dinámica y estructura de la personalidad del adolescente. In Vygotski, L. S. *Obras escogidas* (Tomo IV, J. G. Blank, Trad., pp. 225-248). Machado Libros. (Trabalho original concluído em 1931b).
- Vygotsky, L. S. (2018). About systems. In: Zavershneva, E., & van der Veer, R. (Eds.). *Vygotsky's notebooks: a selection* (pp. 140-141). Springer. (Trabalho original concluído em 1930).

Data de submissão: 22/04/2020
Primeira decisão editorial: 27/07/2020
Aprovação: 11/08/2020